

O TEATRO DE RUA E A ABORDAGEM ÉTNICO-RACIAL CRÍTICA NAS PERIFERIAS DA CIDADE DE FORTALEZA

Letícia Tabosa Dias¹

Rosa Maria Barros Ribeiro²

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo de caso sobre a peça “Todo Camburão Tem um Pouco de Navio Negroiro” interpretada pelo grupo “Nóis de Teatro” e sua importância na construção de um pensamento crítico no campo étnico-racial nas periferias da cidade de Fortaleza, tendo como base, principalmente, os estudos de Eliane de Azevêdo e Kabengele Munanga. Este artigo tem como objetivos apresentar uma plataforma histórica da presença negra no Brasil, além de analisar criticamente as relações étnico-raciais no país e apresentar experiências e concepções do referido grupo teatral. Foi identificado ao longo da pesquisa que o coletivo trabalha não apenas para, mas com a comunidade, exercendo importante função social, política e educativa.

Palavras-chave: Teatro de Rua, Negros, Periferia, Criticidade.

INTRODUÇÃO

“Tem sangue retinto pisado atrás do herói emoldurado” (MANGUEIRA, 2019). Esta frase faz parte do samba-enredo da escola de samba carioca Estação Primeira de Mangueira, vencedora do carnaval do Rio de Janeiro de 2019 com um enredo emocionante sobre heróis esquecidos, narrativas não contadas da história brasileira, resume muito bem a verdadeira história do nosso país. Construído à base de sangue e suor negro e indígena, o Brasil já foi e é palco de grandes episódios de resistência. A importância de tal artigo não está restrita apenas a um contexto acadêmico, como também estende-se para uma forma de divulgação do trabalho artístico que é construído nas periferias da cidade de Fortaleza, através do grupo teatral “Nóis de Teatro”. É de fundamental importância tornar ainda mais conhecida tal atividade, que impulsiona o pensamento crítico com relação às questões étnico-raciais nas comunidades da capital Cearense, através de um processo educacional que perpassa os muros das escolas e universidades.

1 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE),
leticia.dias@aluno.uece.br

2 Professora Adjunta pela Universidade Estadual do Ceará (UECE),
rosaribeiro@yahoo.com.br

O espetáculo conta a história de Natanael, um negro que nasceu na periferia em uma situação muito comum a de vários jovens brasileiros vivendo em uma situação de violência e opressão que resolve entrar para a polícia militar, o ator narrador é o grande foco e há na peça vários elementos representativos do movimento negro no Brasil com diversas referências aos Orixás.

Em meio a isso, este trabalho objetiva no primeiro instante apresentar uma plataforma histórica da presença negra no Brasil, abordando mais especificamente o contexto educacional e a narrativa sobre o negro, estendendo-se em alguns momentos para o estado do Ceará, tratando das invasões culturais feitas pelos brancos, e as consequências dessas invasões que perpassam até os dias de hoje. Além disso, analisa criticamente as relações étnico-raciais no Brasil, evidenciando e questionando as relações racistas que foram construídas ao longo do tempo, além do papel da consciência negra nesse fato. Por fim, serão apresentadas experiências e concepções do grupo “Nóis de Teatro” trazendo como objeto de estudo os relatos de atores da peça salientando a peça “Todo Camburão Tem um Pouco de Navio Negroiro” e sua influência no pensamento crítico nas periferias de Fortaleza.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso por focar sua investigação na compreensão do grupo “Nóis de Teatro” com relação às suas ações nas periferias. Na pesquisa foram elaborados diálogos com os atores e atrizes do espetáculo bem como espectadores, buscando entender de que modo a peça “Todo Camburão Tem um Pouco de Navio Negroiro” contribuiu para o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre si e sobre a sociedade. Buscou-se, nesta pesquisa, trabalhar de modo horizontal, trazendo os atores e espectadores para o centro do estudo. Teve-se como base da fundamentação teórica o livro “Raça: conceito e preconceito” de Eliane de Azevêdo e o livro “Negritude: usos e sentidos” de Kabengele Munanga, dentre artigos de outros autores.

A pesquisa pôde tirar como resultado que, não apenas o teatro, mas a arte como um todo elabora diversos processos formativos que perpassam os muros das casas e escolas e que contribuem, principalmente, para a constituição do indivíduo.

CONTEXTUALIZANDO A PRESENÇA NEGRA NO BRASIL

Possuidoras de uma grande riqueza cultural, a África e a história negra como um todo estiveram e estão ausentes do contexto escolar brasileiro, nas escolas aprende-se minuciosamente sobre batalhas, conflitos e disputas políticas no Continente Europeu e nos Estados Unidos da América mas estuda-se muito pouco sobre tais questões no Continente Africano. Diante disso, arriscamo-nos a dizer, que não lembramos em toda nossa trajetória escolar uma aula sequer sobre a história da África, o mínimo que vimos foi basicamente sobre a vinda dos negros para o Brasil, que formam páginas e mais páginas impregnadas de crueldade e desrespeito. Infelizmente, existem muitas incertezas sobre o Brasil escravista, muito disso por conta da queima de todos os documentos relacionados à escravidão, após a Lei Áurea, ordenada pelo ministro da Fazenda em 14 de dezembro de 1890.

Contudo, existem várias pseudojustificativas para a dominação colonial na África, resultado da expansão do mercado e do homem não-histórico sem referências nos documentos escritos. O homem europeu, diante de toda sua arrogância e prepotência passa a idealizar uma missão colonizadora tratando o povo negro como inferior em diversos aspectos.

Antes da aparição da máquina, tornou-se necessidade econômica o tráfico dos escravos negros, em virtude da invasão da América por parte dos europeus. Existia muita demanda de mão-de-obra barata, e a África, por possuir tecnologia e indústria de guerra relativamente inferior à Europa, tornou-se alvo da escravidão.

A ocupação colonial efetiva da África pelo Ocidente, no século XIX, tentou dismantelar as suas antigas instituições políticas. Alguns reinos resistiram e subsistem até hoje, embora num contexto totalmente diferente. Convencidos de sua superioridade, os europeus tinham *a priori* desprezo pelo mundo negro, apesar das riquezas que dele tiraram. A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas de exploração predisuseram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. (MUNANGA, 1988, p.9)

Em meio a isso, é válido ressaltar que

Aprisionados em seu próprio ambiente, os negros eram conduzidos aos portos de embarque, negociados, transportados como carga humana nos porões dos navios, vendidos como “peças” nas colônias e explorados ao limite máximo de seus resistências no desempenho do trabalho escravo. (AZEVEDO, 1990, p.37)

Tornando-se agora mão-de-obra indispensável nas plantações, ter um escravo tornava-se sinônimo de riqueza e prestígio social, quanto mais escravos o homem branco tivesse, mais rico e poderoso seria. As jornadas duras de trabalho começavam antes mesmo do nascer do

sol, a alimentação era precária, e por qualquer motivo torpe o escravo era punido, com chicotadas em praças públicas que eram assistidas por um público fervoroso, que sentia lapsos de alegria a cada açoite dado pelo senhor em seu escravo.

Quando abordamos a educação, a situação do escravo torna-se ainda pior. Em 1824 a Constituição Imperial previu a educação primária e gratuita para todos, excluindo os escravos, o que retirava uma boa parte da população, mas possibilita o ensino para os negros livres. Dentro desse contexto, a escola era feita para ser um ambiente primordialmente homogeneizador, que tinha a função de civilizar e enquadrar o indivíduo aos padrões desejados, enquanto os filhos de ricos eram educados em casa para não haver uma “mistura” com as crianças negras. Segundo Almeida e Sanchez,

A escola imperial voltada ao ensino de comportamentos adequados, combativa às culturas populares, sob um modelo eurocêntrico de ensino e de sociedade desejada que visava à homogeneização cultural e à invenção de uma cidadania nacional, era vista como condição de progresso do Brasil. Atingia uma parcela pequena da população, estava centralizada em algumas localidades do imenso território brasileiro, enfrentava dificuldades de fiscalização e precárias condições para a atuação e formação de seus professores. Apesar disso, era ela que garantia o acesso de muitos negros libertos à escola; sem promover, todavia, ações visando à criação de condições materiais objetivas de permanência dessa população na instituição. (ALMEIDA E SANCHEZ, 2016, p. 236)

Após mais de 300 anos a escravidão foi abolida. Muitos negros lutaram para que tal fato ocorresse, mas por conta das páginas não contadas da nossa história, poucos conhecem os verdadeiros heróis por de trás dos brancos que sempre foram homenageados. Infelizmente, muitos não conhecem a história do grande negro cearense Dragão do Mar, atribuem seu nome apenas ao Centro Cultural e não conhecem seu significativo papel na abolição da escravatura. Acreditam, ainda, que a abolição foi fruto da enorme bondade da nobre Princesa Isabel, e não que o pioneirismo cearense foi consequência da resistência de jangadeiros, que recusaram transportar escravos até os navios negreiros que seguiam para o sul do país. Desconhecer a história de Chico da Matilde, o Dragão do Mar, é mais um fruto de muitos anos de negação da história negra nas escolas.

Abolida a escravatura, os ex-escravos encontraram-se sem terem para onde ir, abandonados à própria sorte, levando as heranças da escravidão consigo e a falácia da democracia racial, o negro foi parar nas periferias. Ele saiu das senzalas analfabeto, sem assistência médica, sem habitação e com uma visão distorcida de si mesmo. Entrando posteriormente no período republicano, a instrução de negros foi realizada, sobretudo, por

meio das escolas criadas pelas próprias associações negras. Aulas públicas oferecidas por instituições religiosas e pelos asilos de órfãos, escolas particulares e escolas de quilombos também contribuíram para esse acesso aos conteúdos escolares. Houve, ainda, a frequência de alunos negros à rede pública de ensino, embora, pela ausência de estatísticas relacionadas a esse pertencimento, não seja possível afirmar a quantidade deles (ARAÚJO, 2007).

No Brasil republicano, apesar de todas as dificuldades impostas ao movimento negro, ele foi o maior responsável pelas vitórias alcançadas no âmbito educacional, através das associações organizadas. Uma das grandes dificuldades impostas ao Movimento Negro, foi durante a ditadura de Getúlio Vargas. Com o Decreto-lei n. 37 de 2 de dezembro de 1937, o presidente dissolve os partidos existentes, proibindo a criação de novos, inibindo as mobilizações do Movimento Negro. Apenas no final do Estado Novo voltaram a surgir mobilizações negras com um caráter educacional.

Diante de tudo que já foi dito, é fundamental afirmar que todo esse contexto trouxe consequências para a constituição do indivíduo e sua negritude até hoje, pois alguns ainda confundem as causas sociais de suas ascensão com supostas causas de incapacidade natural, sendo muitas vezes enganados pela tão repetida falácia meritocrática que basta acreditar em seus sonhos que tudo dará certo. Até porque, na visão mágica daqueles que acreditam nisso, o negro, morador da periferia, que precisa trabalhar e estudar, tem as mesmas chances de ascender socialmente que o branco, rico, morador do bairro de classe média alta. Segundo Munanga (2018), trata-se de desigualdades raciais acumuladas durante muitos anos que nenhuma política pública seria capaz de aniquilar em apenas duas ou três décadas.

O Brasil nada mais é do que o retrato de muitos anos de escravidão, repleto de muitas heranças do período escravista. Tendo no autodesvalor um forte legado de tal período. Com todo esse processo que o indivíduo negro foi obrigado a submeter-se, a visão sobre si mesmo acabou sofrendo influências da concepção escravista.

Assim, a crença no desvalor de si próprio minou o espírito do negro. As sementes das projeções valorativas do branco foram ganhando prestígio na consciência do negro, em detrimento das projeções de seu próprio valor. Ainda hoje, os reflexos dessa introjeção traduzem-se em várias atitudes do negro, conscientes ou não. Por exemplo, até há pouco tempo, era comum os negros violentarem a própria aparência física, alisando os cabelos, a fim de satisfazer uma concepção de belo que não poderia ser sua. (MUNANGA, 1988, p. 48)

O autodesvalor é fruto de mais de 300 anos de açoites, humilhações e depreciação do corpo negro. O corpo, violentado e invadido, e no que diz respeito principalmente às mulheres, abusado sexualmente, traz histórias que apenas o negro pode contar.

Em especial, na arte, foco principal desta pesquisa, temos tantos exemplos que não sobraria espaço para serem comentados aqui. Quando falamos das artes cênicas como um todo, conseguimos lembrar de pouquíssimos atores e atrizes negros que possuem relativo sucesso na mídia. Recentemente, outra polêmica surgiu nesse âmbito, desta vez sobre a novela “Segundo Sol”, apresentada na TV Globo. A narrativa que se passava em Salvador, não possuía atores e atrizes negros, o que gerou muita revolta, pois cerca de 96% da população da Bahia é composta por pessoas de pele negra e a novela não possuía absolutamente nenhuma representatividade. Quando questionados, os diretores afirmaram que Camila Pitanga e Taís Araújo não estavam disponíveis para o papel, deixando a entender que são as únicas atrizes negras no Brasil.

Tratando o assunto desse modo, a Rede Globo comprova que o negro é reconhecido como indivíduo se for embranquecido. Não há aqui uma crítica com relação às atrizes, que também são vítimas de racismo, em especial Taís Araújo que já foi alvo de diversos ataques nas redes sociais, mas sim uma observação sobre ambas possuírem os “traços finos” que são mais tolerados na sociedade, enquanto traços negróides são considerados feios e amplamente rejeitados. Quando há atores negros nas novelas, são colocados em papéis de empregadas domésticas, entregadores, traficantes, ladrões; geralmente as atrizes negras interpretam papéis sexualizados. Se a novela foi protagonizada no Rio de Janeiro, provavelmente teremos uma negra rebolando em cima de um salto 15 em algum morro do Rio, representando, obviamente, uma rainha de bateria, possivelmente envolvida com algum homem negro que faz o papel de traficante. Se ela frequenta a mansão dos protagonistas da trama, naturalmente faz o papel da empregada que tem um caso com o patrão.

Quando a personagem negra começa a ser percebida como integrante da sociedade, ela surge na cena teatral, ainda, na representação do escravo. Assim, a representação da personagem negra será, nesse momento, a partir de paradigmas raciais - consequência de: criações de personagens que refletem estereótipos raciais, disseminando uma compreensão de inferioridade ou virilidade, ambos representados por seus comportamentos éticos não confiáveis e sua maneira de agir em busca de proveito e vantagem, configurando dentro do espaço ficcional uma espécie de reflexo imagético da personagem negra criada pela ideologia racista. Essa situação se modificará com o surgimento de grupos teatrais, movimentos sociais que irão reivindicar uma identidade negra afirmativa, não estereotipada. (SOUZA, 2017, p. 283 - 284)

Tais estereótipos são, infelizmente, tão presentes, que passamos a nos acostumar com a falta de representatividade existente nos palcos. Somos acostumados a ouvir que o que se passa na televisão é uma representação da realidade, mas fica o questionamento de qual realidade é essa, uma realidade muitas vezes sem absolutamente nada a ver com a que vivemos. A arte, muitas vezes, em vez de ter um papel contestador da prática acaba por reproduzir preconceitos.

“CAMBURÃO”: EXPERIÊNCIAS, CONCEPÇÕES E NEGRITUDE

Criado a partir do prêmio FUNARTE de Arte Negra a peça “Todo Camburão Tem um Pouco de Navio Negroiro” surge de pesquisas feitas em comunidades quilombolas do Ceará e do Maranhão. Em especial no Maranhão, através de uma visita à cidade de Codó, onde foi adquirido um maior contato com as religiões de matriz africana e com o movimento Quilombo Urbano. Além da parceria com o Comitê de Desmilitarização da Polícia e da Política, que possibilitou uma maior reflexão sobre o negro na polícia. O título da peça é por conta da música d’O Rappa, de mesmo nome que o espetáculo, pois de acordo com os atores não haveria nome melhor, pois representa um resumo da própria história do Brasil.

Diante disso, a dramaturgia surge a partir de relatos dos atores, tendo como objetivo descobrir onde estava a negritude e que aspectos ela trazia para suas vidas. Natanael, personagem central da peça, é inspirado em dois rapazes, um que teve envolvimento com o tráfico e foi assassinado, tendo o vídeo de seu assassinato circulado pelas redes sociais; e outro que precisou entrar para a polícia militar por questões de sobrevivência.

O ato de buscar e assumir raízes partindo dos atores e atrizes nada mais é que um ato de resistência. De acordo com Munanga (1988), ao lado do confronto aberto entre os dois extremos da sociedade colonial, desenvolve-se nas faixas intermediárias um sentimento de amargura e frustração, e um desejo urgente de contestar a marginalidade e descobrir uma identidade. Contestada a marginalidade e na tentativa de descobrir suas verdadeiras identidades, os atores e atrizes colocam na peça suas histórias reais de racismo e denunciam as consequências de tais atos.

Grande luta e uma das principais bases para a realização da peça, o combate a militarização da polícia é super válido, tendo em vista a polícia militar como forma legalizada

de extermínio da juventude negra, sendo a tropa composta pela própria periferia que vai matando-se sem perceber.

Sendo deficiente, o negro deve ser protegido. Legitima-se o uso da polícia e de uma justiça severa diante de um retardado, com maus instintos e ladrão. É preciso proteger-se das perigosas tolices de um irresponsável e defendê-lo de si mesmo. Nesse contexto, a hospitalidade do negro, reconhecida como algo de positivo, decorre também da sua fragilidade e falta do senso de previsão e economia. (MUNANGA, 1988, p. 22 - 23)

Por abordar tão intensamente a realidade do povo negro nas periferias, não são poucos os relatos ao final do espetáculo, onde os atores e atrizes sempre abrem espaço para um diálogo. São histórias tristes e infelizmente recorrentes. De todas que foram ouvidas dos integrantes do espetáculo, a que chamou mais atenção tratava-se de um homem negro e surdo que não ouviu a sirene da viatura e foi abordado violentamente pela polícia, não entendendo nada do que o policial falava. Por não conseguir escutar, foi tratado de modo humilhante e violento. Tendo em vista isso, em um dos primeiros trechos da música que deu origem ao espetáculo, o compositor traz uma frase que resume muito bem a abordagem violenta que houve entre o jovem e o policial: “De frente àquela praça veio os homens e nos pararam, documento por favor, então a gente apresentou mas eles não paravam”.

Tais assuntos ajudam o público a refletir sobre questões étnico-raciais presentes no cotidiano. De acordo com um dos atores, o espetáculo não apenas contribui para o público, mas também para o próprio elenco, pois através da peça ele pôde fazer uma descoberta sobre sua individualidade enquanto homem negro. Com tais reflexões com o público em geral, ele percebeu que na verdade as “brincadeiras” nas quais foi vítima na infância nada mais eram que racismo e que na verdade ele não possuía “cara de marginal” mas a sua cor foi marginalizada.

Não perceber as “piadas” de cunho racista é fruto de anos de repetição de tais atos que acabaram sendo acomodados à nossa cultura, tornando-se algo enraizado. De acordo com Azevêdo (1990) o racismo na sociedade brasileira é tão implícito nas concepções de relações sociais, que seus protagonistas não se percebem racistas. Toda a carga de herança cultural que modelou a sociedade brasileira é tão fundamentada no racismo, que nem os próprios negros escaparam à assimilação de sentimentos contrários à raça negra.

O espetáculo em si já é marginalizado: são habituais os comentários depreciativos sobre a peça nas redes sociais, ofensas que tratam todo o espetáculo como vitimismo, não

apenas isso, mas em diversos momentos a polícia é acionada durante a encenação. A maioria das denúncias é sobre os seios de fora das atrizes em determinados momentos da peça, os denunciadores pedem, geralmente, para que haja uma faixa etária adequada para o público. Algumas histórias de denúncias foram relatadas, em algumas, mulheres alegavam que seus maridos não poderiam ver cenas como aquelas. Há também algumas pessoas que já são conhecidas pelo grupo, que fizeram denúncias junto à Secretaria de Cultura solicitando o impedimento do espetáculo, o que não ocorreu, pois o promotor do caso não acatou tal denúncia.

Tratar os seios desnudos como objeto de prazer nada mais é do que a sexualização extrema da mulher, fato recorrente no nosso país, principalmente tratando-se da mulher negra. Azevêdo (1990) traz essa conjuntura como uma herança do período colonial, pois desde tal período prevalecia na sociedade brasileira a idéia de exploração e uso da mulher negra como objeto de eventual prazer. De acordo também com a autora,

[...] a tradição que preservamos dos colonizadores é a de desrespeito ao uso do corpo da mulher de cor, traduzindo na busca do sexo fácil e na comercialização (exibicionista) da nudez da mulata para lucro de empresários. Essas atitudes e práticas tornaram-se tão aclamadas no Brasil que se passou a não perceber o significado racista nelas implícito. (AZEVEDO, 1990, p. 46)

Além do processo formativo que ocorre através da peça em “Todo Camburão Tem um Pouco de Navio Negreiro” o “Nóis de Teatro” como um todo tem papel importante nos processos formativos feitos nas periferias em uma proposta que perpassa os palcos. O grupo oferece constantemente oficinas de teatro para crianças, trabalhando a educação em um processo que atravessa os muros das casas e escolas. Diante disso, é correto afirmar que

A escola, em todos os seus níveis, além de não saber lidar com os problemas sentidos pelos educandos negros, acentua mais ainda esses problemas quando não lhes dá importância ou não opina a respeito deles. Muitas vezes, até mesmo o professor e a professora, ainda que de forma inconsciente, reforçam ideias, nas crianças, de que é normal as pessoas negras serem discriminadas, ajudando a manter comportamentos racistas e contribuindo para o auto-isolamento [...]. (RIBEIRO E SOBRINHO, 2004, p. 141)

O trabalho feito pelo “Nóis de Teatro” ao oferecer oficinas e diversas outras formações para o público, é muito parecido com a proposta do Teatro Experimental do Negro (TEN) que surgiu na ditadura Vargas.

A proposta original era formar um grupo teatral constituído apenas por atores negros, mas progressivamente o TEN adquiriu um carácter mais amplo: publicou o jornal Quilombo, passou a oferecer curso de alfabetização, de corte e costura; fundou o Instituto Nacional do Negro, o Museu do Negro; organizou o I Congresso do Negro Brasileiro; promoveu a eleição da Rainha da Mulata e da Boneca de Pixe; tempo depois, realizou o concurso de artes plásticas que teve como tema Cristo Negro, com repercussão na opinião pública. Defendendo os direitos civis dos negros na qualidade de direitos humanos, o TEN propugnava a criação de uma legislação antidiscriminatória para o país. (DOMINGUES, 2007, p. 109)

O TEN traz um carácter tanto social quanto educativo e ao promover um grupo teatral composto por negros ele ganha um carácter de resistência. A arte sempre foi associada à uma perspectiva eurocêntrica, mas aproxima-se do público a partir de um carácter crítico das questões raciais, ela desenvolve um carácter didático. Oferecendo cursos de alfabetização, corte e costura, o grupo teatral cumpre um papel de suprir direitos historicamente negados ao público negro.

Por morarem na periferia e muitas vezes terem a visão de que o lugar onde moram é ruim, a arte traz uma conduta fundamental na formação desses indivíduos, quando a escola em diversos momentos ignora o racismo e o contexto do indivíduo ela reproduz e contribui para o auto-isolamento. Pode-se perceber que, o trabalho da arte em si alinha-se ao processo de formação de sujeitos, principalmente crianças e adolescentes, sendo essas formações dadas de forma crítica onde por mais que o espectador não tenha entendido a peça é trabalhado para que, de algum modo, ocorra um processo de assimilação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhando o teatro da e para a periferia o “Nóis de Teatro” através da peça “Todo Camburão Tem um Pouco de Navio Negreiro” contribui de forma direta com a elaboração de um pensamento crítico sobre a problemática do racismo. Por trazer histórias reais, a peça toca em pontos no íntimo do espectador, o que gera profundas identificações, relatadas através das histórias ouvidas no final do espetáculo. Podemos perceber, também, que a peça contribuiu não apenas para o público, como também para os atores e atrizes que puderam redescobrir-se através da montagem do espetáculo, constituindo-se como meio de percepção de si para eles próprios.

Tal pesquisa foi, não apenas fundamental para compreender os processos formativos elaborados pelo grupo teatral, como também para conceber de que modo a arte pode envolver de forma tão profunda o indivíduo. No que diz respeito às relações étnico-raciais,

contribuindo para maior consciência da realidade e mudanças nas representações sociais sobre o Negro no Brasil e o lugar que ocupa na história e nas instituições. Por outro lado o teatro pode produzir inúmeros significados, reflexões e alterações positivas nos discursos e práticas, propiciando reconhecimento e mais respeito para com a população Negra.

Por fim, ressaltamos o caráter educativo da peça de teatro *Todo Camburão tem um Pouco de Navio Negroiro*, tanto para os atores quanto para os espectadores.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Renata Ovenhausen ; AZEVEDO, Ariston. **Os marginais do direito estatal: a luta multidimensional do Teatro Experimental do Negro (TEN) pelo "direito a ter direitos"**, nos anos de 1944 a 1968. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, Agosto 2013.
- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia. **Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil**. *Revista Eletrônica de Educação*, São Paulo, 2016.
- ARAÚJO, Márcia Luiza Pires de. **A escola primária da Frente Negra Brasileira em São Paulo (1931- 1937)**. São Paulo/SP: Ação Educativa, 2007.
- AZEVEDO, Eliane. **Raça: conceito e preconceito**. São Paulo: Ática S.A, 1990.
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Tempo*, Niterói/RJ, n.23, 2007.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática S.A, 1988
- MUNANGA, Kabengele. **O 20 de novembro e o negro no Brasil de hoje**. *Jornal da USP*, São Paulo, 14 nov. 2018.
- RIBEIRO, Rosa Maria Barros; SOBRINHO, José Hilário Ferreira. **Para além da escravidão, abolição e invisibilidade: resgatando experiências e vivências dos Negros no Ceará**. (In) *Saberes Populares e Práticas Educativas*. BEZERRA, José Arimatea Barros; OLIVEIRA, Catarina Farias de; RIBEIRO, Rosa Maria Barros (ORGS). Fortaleza: UFC, 2004
- SOUZA, Julianna Rosa de. **Personagem negra: uma reflexão crítica sobre os padrões raciais na produção dramática brasileira**. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, Agosto 2017.